

F73 Versão Oficial – LUIZ GONZAGA
ESTÚDIO F - programa número 73

Á U D I O

T E X T O

Música-tema entra e fica em BG;

Locutor - A Rádio Nacional apresenta
ESTUDIO F,
Momentos Musicais da Funarte

Apresentação de Paulo César Soares

Paulo César :

- Alô, amigos! No programa de hoje, um artista que criou, lançou e implantou com êxito uma expressão musical para o nordeste. Ao resgatar em seu trabalho a identidade de seu povo, abriu as portas para uma série de artistas nordestinos, dando visibilidade ao celeiro de grandes compositores da região. Mas seu talento também ultrapassou fronteiras e ele continua sendo uma influência para diferentes expressões musicais de norte a sul do país.

Entra trecho de “Asa Branca”, fica pouquíssimo tempo, cai em BG e permanece durante a fala de Paulo César.

Paulo César: - Luiz Gonzaga, Gonzagão, Velho Lua, Rei do Baião, o Estúdio F é seu!

Sobe o som, fica pouquíssimo e corta.

Paulo César: - Luiz Gonzaga nasceu na Fazenda Caiçara, em Exu, no estado de Pernambuco, em 13 de dezembro de 1912. Filho de Mestre Januário, lavrador e sanfoneiro conhecido na região, desde criança, o artista se interessou pela sanfona de oito baixos do pai, a quem ajudava tocando zabumba e cantando em festas religiosas e forrós. Tocava mesmo contra a vontade da mãe dona Anna, que achava essa história de música um caminho sem futuro. Mas Januário bateu o pé e passou a levar o menino aos bailes. A criança animava a festa com seu fole, revezando com o pai, até pegar no sono. Anos mais tarde, esse episódio inspirou Gonzaga na composição da música “Forró no Escuro” na qual ele conta que o sanfoneiro cochilou, mas a festa seguiu em frente.

Entra “Forró No Escuro” e rola inteira.

Paulo César: - Em 1930, Gonzaga deixou a casa dos pais para se alistar como voluntário em Fortaleza. Não tinha completado 18 anos ainda, mas conseguiu incorporar-se ao exército como corneteiro e, nesta função, viajou por todo o Brasil. No começo, foi difícil deixar a terra natal, mas a saudade do sertão rendeu música. Em “No Meu Pé de Serra” – parceria com Humberto Teixeira – o artista expressa o sofrimento da partida.

Entra “No Meu Pé de Serra” e rola inteira.

Paulo César: - Com uma sanfona recém-comprada, Luiz Gonzaga deu baixa do exército em 1939 e resolveu ficar no Rio de Janeiro. Foi morar no Morro de São Carlos. Para sobreviver, apresentava-se em ruas, bares e mangues. Tocava boleros, valsas, canções e tangos. Esses também eram os ritmos que ele apresentava no programa “Calouros em Desfile” de Ary Barroso. Nunca era gongado pelo temido apresentador, mas a nota 5 também não vinha. Era no máximo 3 e olhe lá. Gonzagão só conseguiu virar esse jogo quando percebeu a carência que os migrantes nordestinos tinham de ouvir sua própria música. Abandonou os ritmos importados e passou a tocar xaxados, baiões, chamegos e cocos. De volta ao palco do Ary, optou por apresentar seu chamego “Vira e Mexe” e foi aclamado no estúdio. Finalmente, levou a nota 5 e 150 mil réis de lambuja.

Entra “Vira e Mexe” e rola inteira.

Paulo César: - Virar e mexer em seu repertório rendeu a Luiz Gonzaga visibilidade. Depois de descobrir o filão nordestino no mercado, começou a freqüentar programas de rádio e a gravar discos, sempre com repertório de músicas nordestinas. Deixou também de apenas tocar sanfona e passou a cantar e a mostrar seu talento como compositor. Sua primeira intérprete foi a cantora Carmem Costa que gravou “Xamego” em fevereiro de 1944. No ano seguinte, conheceu o já conceituado músico Humberto Teixeira, iniciando uma parceria histórica. De cara, compuseram juntos o nostálgico xote autobiográfico “No Meu Pé de Serra”. Mas foi com a segunda parceria, intitulada “Baião”, que Luiz fez sua entrada triunfal na MPB. Mais do que uma música, trata-se de um manifesto sobre um novo ritmo inventado pela dupla.

Entra “Baião” e rola inteira.

Paulo César: - No próximo bloco, Luiz Gonzaga volta as suas raízes, lança “Asa Branca” e dita influência musical.

Locutor: - Estamos apresentando Estúdio F,
Momentos Musicais da Funarte.

I N T E R V A L O

- Insert Chamada Funarte

BLOCO 2

Locutor: - Continuamos com Estúdio F

Entra “Baião”, cai em BG e permanece durante a fala de Paulo César.

Paulo César: - Sucesso em todo o país, Luiz Gonzaga voltou ao Nordeste em 1946 para fazer shows depois de 16 anos de ausência. O retorno do filho pródigo gerou a autogozoção musical “Respeita Januário”, na qual o compositor reverencia de forma bem humorada a figura paterna. Na canção, Gonzaga admite que ele agora podia até ser o famoso, mas reafirma que o rei do baile naquela área era mesmo Seu Januário com seus oito baixos.

Entra “Respeita Januário” e rola inteira.

Paulo César: - Em sua volta ao nordeste, Luiz Gonzaga foi a Recife, onde encontrou o pessoal da área musical da cidade. Conheceu Sivuca, Nelson Ferreira, Cabipa e o futuro amigo Zé Dantas. A parceria entre os dois se firmou a partir de 1950, quando Zé, já formado em medicina, radicou-se no Rio de Janeiro para estagiar no Hospital dos Servidores. Em Gonzaga, Dantas encontrou, segundo ele mesmo dizia, a voz que o completava para dizer as coisas do sertão. Juntos fizeram sucessos cantados e regravados até hoje como, por exemplo, “O Xote das Meninas”.

Entra “O Xote das Meninas” e rola inteira.

Paulo César: - No ano seguinte a sua apresentação no nordeste, mais precisamente em 1947, Luiz Gonzaga volta ao Rio de Janeiro para gravar um novo 78 rotações. Puxando o disco, estava a marchinha “Vou para Roça”, mas o lado B trazia “Asa Branca”, sua terceira música feita em parceria com Humberto Teixeira e com a qual ele não estava muito empolgado. A melodia de “Asa Branca” fazia parte do repertório tradicional do sertão e Gonzaga estava acostumado a ouvir seu pai tocá-la no fole. Para surpresa de Luiz, ninguém deu muita bola para a marchinha “Vou para Roça” e a sua velha canção da infância estourou nacionalmente, transformando-o num astro.

Entra “Asa Branca” e rola inteira.

Paulo César: - Ao lado de Emilinha Borba e Bob Nelson, Luiz Gonzaga tornou-se campeão de cartas no time de estrelas da Rádio Nacional. Foi no auditório da emissora que o cantor conheceu sua esposa Helena das Neves Cavalcanti com quem se casou em junho de 1948. Nessa época, o artista procurava assumir mais fortemente ainda sua imagem nordestina. Foi quando passou a usar chapéu de couro à moda dos cangaceiros. E, quanto mais afirmava sua identidade, mais os cantores do sul começaram a se interessar pelo molejo do baião, a dança da moda.

Entra “A Dança da Moda” e rola inteira.

Paulo César: - O que é cantado na música “A Dança da Moda” – parceria de Gonzaga e Zé Dantas que acabamos de ouvir – era a pura realidade em 1950. Afinal, de 1949 a 1953, intérpretes de sucesso como Marlene, Carmélia Alves, Ivon Curi, Carmem Miranda, Isaura Garcia, Ademilde Fonseca, Jamelão, Dircinha Batista e Adelaide Chiozzo, entre outros, gravaram músicas de Gonzaga e seus parceiros. Nesse período, a estrela Emilinha Borba fez sucesso com a composição “Paraíba”, considerada um escândalo na época. Muitos interpretaram os versos como uma ofensa à mulher paraibana, mas, na verdade, era apenas uma homenagem ao estado que se mostrara tão corajoso na Revolução de 30. Nascia outro clássico.

Entra “Paraíba” e rola inteira.

Paulo César: - No próximo bloco, Luiz Gonzaga assume tom de protesto, briga com os cabeludos e, depois, faz as pazes com a vida.

Locutor: - Estamos apresentando Estúdio F,
Momentos Musicais da Funarte.

I N T E R V A L O

- Insert Chamada Funarte

BLOCO 3

Locutor: - Continuamos com Estúdio F

Entra “Paraíba”, cai em BG e permanece durante a fala de Paulo César.

Paulo César: - Luiz Gonzaga trabalhou na Rádio Nacional até 1954. Esse período compreende o auge de sua popularidade. O sucesso era tanto que ele ia além do baião e lançava novos ritmos como o xaxado, inspirado na dança dos cangaceiros. A sua gravadora chegou até a obrigar as prensas a trabalharem mais, a fim de poderem atender aos pedidos de discos do artista. Devido a esse alcance do seu trabalho, Gonzaga usava algumas de suas criações para chamar a atenção sobre os problemas do nordeste. Em parceria com Zé Dantas assumiu um tom de protesto e criticou o paternalismo dos governantes com maior força e violência. As vozes da seca precisavam ser ouvidas.

Entra “Vozes da Seca” e rola inteira.

Paulo César: - Com o advento da bossa-nova e da jovem-guarda, Gonzaga afastou-se dos palcos dos grandes centros e passou a se apresentar em cidades do interior, onde sempre continuou extremamente popular. Mas não gostava de ter perdido espaço para os “cabras do cabelo grande” que dominavam a cena musical. Para eles, compôs o crítico “Xote dos Cabeludos”, dizendo que no sertão eles não tinham vez. Em contrapartida, foram os cabeludos que trouxeram o velho Lua de volta ao centro das atenções. Entre 1968 e 1975, engajados, tropicalistas e roqueiros regravam suas canções e reafirmaram assim sua importância na música popular brasileira. Agradecido, Gonzagão assume o palavreado jovem e diz “Bicho, Eu vou voltar”.

Entra “Bicho, Eu Vou Voltar” e rola inteira.

Paulo César: - Os anos 80 selaram a paz de Luiz Gonzaga com seu filho Gonzaguinha, fruto de um relacionamento do jovem Lua com a cantora do Dancing Brasil, Odaléia Guedes dos Santos, quando ele ainda morava no morro de São Carlos. Na música, pai e filho encontraram uma forma de passarem por cima das divergências e se conquistaram. Entre 1980 e 1981, dividiram o palco na turnê “Vida de Viajante” e, nesta série de shows, o Rei do Baião passou a ser chamado de Gonzagão. Rodando juntos o Brasil por quase um ano, deixaram mágoas e desavenças na poeira das estradas e se tornaram grandes amigos.

Entra “Vida de Viajante” e rola inteira.

Paulo César: - No final de 1987, exames médicos permitiram constatar em Gonzagão um câncer de próstata e metástase nos ossos. Menos de dois anos depois do diagnóstico, no dia 2 de agosto de 1989, o velho Lua Rei do Baião saiu de cena, mas sua voz ainda permanece. E, quando ele toca, é sinal de que o baile ta é danado de bom!

Entra “Danado de Bom” e rola inteira.

Entra música-tema do Estúdio F e fica em BG;

Paulo César: - O programa de hoje foi roteirizado pelo jornalista Cláudio Felício. O Estúdio F é apresentado toda semana pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro e nas Rádios Nacional de Brasília e da Amazônia, emissoras EBC - Empresa Brasil de Comunicações. Os programas da série também são uma das atrações do Canal Funarte. Acessem a nossa rádio virtual. O endereço é www.funarte.gov.br/canalfunarte. Cultura ao alcance de um clique! Você também pode ouvir o programa pelo site da Radiobras: www.radiobras.gov.br. Quem quiser pode escrever para nós, o endereço é: Praça Mauá número 7 - 21 andar, Rio de Janeiro - CEP/ 20081-240

Se quiser mandar um e-mail, anota aí:

estudiof@radiobras.gov.br

Paulo César: - Valeu Pessoal!
Até a próxima!!!

ENCERRAMENTO / FICHA TÉCNICA

